

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº101 - JUNHO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VII

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
SILVIO A. S. GAMBOA - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

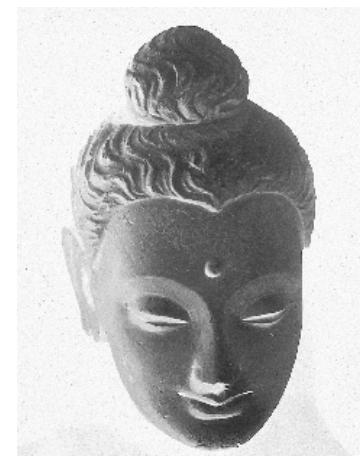
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

101



A LENDA DA COBRA GRANDE: DISCUSSÕES SOBRE IMAGINÁRIO E REALIDADE

Grace do Socorro Araújo de Almeida Macedo



Há vários caminhos a trilhar quando pensamos em estabelecer uma definição do que seja mito, pois falar de mito é embrenhar-se em diversos campos do conhecimento e inúmeras formas de interpretação. O termo já encerra em si grandes contradições: ora entendido com “mentira”, ora como a verdade íntima escondida atrás de um véu, o mito para muitos nega a razão e a realidade, ainda que quase sempre não haja um questionamento profundo sobre esses dois conceitos. Há tantas definições para o termo quantas as diversas dinâmicas de compreensão do homem face ao mundo em que vive. Penso que o mito não nega a razão, mas apodera-se dela de tal forma que a recria e a transcende suscitando, desse modo, diversas realidades em diferentes “mundos” do pensar: Moyers compreende que “*aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido e de significação, através dos tempos*” (1988:5). Para o propósito deste artigo, pensaremos no mito enquanto uma narrativa repleta de valores e crenças, um conjunto de imagens e símbolos que traduzem o pensamento, a história, a capacidade de criar e de gerar o novo. O mito é sempre uma incógnita, uma cortina meio transparente, uma forma de dizer tudo revelando muito pouco; enfim, uma grande metáfora.

Nenhum mito surge do nada ou da simples vontade de existir; sua origem ou localização temporal dos fatos de que falam são questões bastante complexas. Ao utilizarmos métodos limitados de interpretação, reduzimos o mito a definições que o apresentam como simples fantasia ou fato ilusório. Mircea Eliade, um estudioso dos mitos e das religiões, afirma que *nas sociedades em que o mito ainda está vivo*, há uma distinção cuidadosa entre *histórias verdadeiras* e *histórias falsas* (2000:13). Para os indígenas, o mito está na categoria das histórias verdadeiras, enquanto as histórias falsas são representadas por fábulas ou contos. “Em suma, nas histórias *verdadeiras* trata-se do sagrado e do sobrenatural; nas *falsas*, pelo contrário, de um conteúdo profano (...)”¹ É importante pensarmos nesta distinção ao analisarmos os mitos mais comuns da Amazônia brasileira e caso quiséssemos eleger os mais importantes, teríamos dezenas deles surgidos da água e por ela: a água doce, que Bachelard chama de verdadeira água mítica (1998:158) é um dos símbolos mais fortes desse imaginário, pois representa o grande ventre, a fonte da vida e é a principal responsável pela sobrevivência e permanência do homem nesta região. É dela que brotam os mais significativos mitos. O rio revela-se fonte de sobrevivência humana e criação, caracterizando-se como sagrado e verdadeiramente supremo na sua missão de banhar e fecundar a terra.

Outro símbolo importante é a floresta misteriosamente fechada e a sempre úmida terra. Uma umidade surgida pela invasão do rio, em época de enchente ou das intensas chuvas, comuns na região durante boa parte do ano. O ribeirão em um encontro de mata, terra e rio busca sua sobrevivência como criatura

¹ Ib.

humana e essa busca o torna também um criador de mitos e um contador de histórias. Elegemos para análise uma lenda indígena que mescla todos esses elementos: a história da cobra grande ou mãe d'água..

Em uma tribo indígena da Amazônia, uma índia, grávida da Boiúna (Cobra-grande, Sucuri), deu à luz a duas crianças gêmeas que na verdade eram cobras. Um menino, que recebeu o nome de Honorato ou Nonato, e uma menina, chamada de Maria Caninana. Para ficar livre dos filhos, a mãe jogou as duas crianças no rio. Lá no rio eles, como cobras, se criaram. Honorato era Bom, mas sua irmã era muito perversa. Prejudicava os outros animais e também as pessoas. Eram tantas as maldades praticadas por ela que Honorato acabou por matá-la para pôr fim às suas perversidades. Honorato, em algumas noites de luar, perdia o seu encanto e adquiria a forma humana transformando-se em um belo rapaz, deixando as águas para levar uma vida normal na terra. Para que se quebrasse o encanto de Honorato era preciso que alguém tivesse muita coragem para derramar leite na boca da enorme cobra, e fazer um ferimento na cabeça até sair sangue. Ninguém tinha coragem de enfrentar o enorme monstro. Até que um dia um soldado conseguiu libertar Honorato da maldição. Ele deixou de ser cobra d'água para viver na terra com sua família.

A Cobra

Em nossa região, as serpentes tornaram-se seres sobrenaturais e formam um conjunto de imagens conflituosas: ora inspiram proteção, ajuda; ora escancaram o medo, a angústia. Observamos pela narrativa que é exatamente esse sentimento que transparece na história de Honorato; um sentimento que é também uma crença, já que nosso sentir expressa nossa fé, ou melhor, nossa capacidade de acreditar. Ao analisar o sistema totêmico na Austrália, Émile Durkheim observou que "*os ritos mais bárbaros ou mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, quer individual, quer social*". (1989:30). Na passagem que narra a metamorfose de Honorato, na qual ele aparece ora bicho, ora homem, percebemos uma intrigante metáfora que retrata muito bem a vida de nosso ribeirão: o homem-réptil; ele oscila entre viver fincado na terra úmida ou misturado, engolido e inebriado pelas correntezas dos rios. A água-terra-natureza fica entranhada na pele, na alma, na fé desse homem. Ser cobra, ser gente são apenas passagens, símbolos de uma mesma vida.

Para Bachelard, "a serpente é um dos arquétipos mais importantes da alma humana. (...) É realmente a raiz animalizadora (...) o traço de união entre o reino vegetal e o reino animal" (1990:202). Ela é um dos símbolos míticos mais importantes em diversas partes do mundo e há muito acompanham a trajetória da humanidade; é interessante lembrarmos de seu papel fundamental na história da criação divina, na qual foi considerada maldita por Deus entre todos os animais. A serpente desafia, seduz, amedronta e encanta. Leva sempre o homem aos extremos de matar ou endeusar, num frenesi intenso entre o sagrado ou sobrenatural e o profano, corriqueiro, mundano. Maria Caninana, irmã de Honorato, segundo a lenda, representa um desses extremos. É o símbolo do mal, da opressão, do medo, enquanto Honorato a imagem do bem, do homem bom.

Podemos pensar também na serpente como um símbolo transcendente; um mediador entre dois modos de vida: o mundo das águas e das terras, o mundo dos igapós, o mundo das profundezas das águas e da aridez dos desertos. Em meio a tantas outras, encontramos a serpente representada como

símbolo terapêutico de Esculápio, deus romano da medicina. Há também as serpentes entrelaçadas da Índia antiga; na Grécia as encontramos no bastão do deus Hermes; representando a sexualidade, a fertilidade, o mensageiro audaz que penetra mundos subterrâneos, ou ainda nas palavras de Vitor Hugo: "A serpente está dentro do Homem, é o intestino. Ela tenta, trai e pune."²

É comum escutar, mesmo entre aqueles que habitam na cidade, ditados, avisos, superstições envolvendo cobras. Há uma temeridade no ar, há o sentido da traição, do medo, da insegurança. Há ainda a sexualidade que aflora afora: "*Em uma tribo indígena da Amazônia, uma índia, grávida da Boiúna (Cobra-grande, Sucuri)...*" "Sem dúvida nenhuma, é muito presente e muito forte a imagem trazida e compartilhada pela serpente, o que Durkheim chama de *representações coletivas*³ Essas representações, segundo ele, embora a princípio sejam grosseiras, são "*progressivamente purificadas para se aproximarem mais das coisas*" (1989:523-524). Assim, a lenda que gerou mitos a partir da figura da cobra grande, já não existe mais enquanto narrativa, já deixou de ter tanta importância; porém, a dimensão que esse mito atingiu é muito maior que a dimensão do encantamento que tornou essa cobra um ser inimaginavelmente gigantesco.

Outro ponto importante de discussão deixado pela lenda é o velho duelo entre o bem e o mal. As crianças gêmeas, Honorato e Maria, gerados no mesmo ventre, parecidos, mas intrigantemente diferentes no agir, são jogados no rio (o rio é o mundo, o paraíso, a terra), lá se desenvolvem em condições semelhantes. Maria Caninana em sua maldade leva seu irmão Honorato a tomar a atitude de mata-la, afim de por um fim em sua perversidade e proteger as pessoas: é o herói, mas também uma grande contradição. Por fim, o bem supera o mal. E não seria incoerente afirmar, que também há um conteúdo e um ensinamento religioso em tudo isso, pois tradicionalmente, não é essa a eterna luta pregada em tantas religiões?

É o mito, enfim, uma forma de pensamento primitivo? Uma história que narra um fato ilusório? Uma grande mentira? Talvez um pouco de tudo isso, mas não só isso. Há muito mais por trás de um mito; há vida, há realidades, há virtualidade. Não pode deixar de existir também uma verdade que se compõe através de símbolos: Honorato: cobra e rapaz, não é nada além de nós mesmos, em nossa condição animal e em nossa transcendência. Onde há o monstro, há também o herói. Onde há a verdade, há também o mito.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios do Repouso. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
_____. A Água e os Sonhos. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares de Vida Religiosa. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.
CAMPBELL, Joseph & MOYERS, Bill. O Poder do Mito. São Paulo, Palas Athena, 2000.
ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo, Perspectiva, 2000.

² Victor Hugo. *William Shakespeare*, p. 78, ap. Gaston Bachelard. *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo. Martins Fontes, 1990.

³ Op. Cit.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

*me traduza
disse o homem*

*quero um dicionário
em cada parte do meu corpo*

*os olhos não
que os olhos são
para lerneconheceme*

*não precisa capa
que para isso
existem lápides*

CARLOS MOREIRA